

Antropologia

**“LORDS ANTHROPOLOGISTS¹” - DEBATE SOBRE A ORIGEM DA
TEORIA CLÁSSICA BRITÂNICA E SUAS INFLUÊNCIAS
TEÓRICAS METODOLÓGICAS NA OBRA DE EVANS –
PRITCHARD**

Por Cleiton Machado Maia²

Ideias Chave: Antropologia, Evans-Pritchard, fenômeno religioso

O artigo tem como proposta analisar a influência na obra de Evans-Pritchard à luz das teorias clássicas, em uma breve leitura de suas obras “*Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*”, “*Os Nuer*” e “*Religião dos Nuer*”, buscando entender dentro da formação dos “pais fundadores” da antropologia britânica, como o autor relacionou e fundamentou sua proposta no decorrer de suas obras.

No debate da fundação da escola antropológica britânica demonstrarei a influência que a obra e ideias de Durkheim exerceram no início da antropologia – principalmente sobre a obra de Radcliffe – Brown – e os debates que se desenvolveram com Malinowski e suas propostas teóricas metodológicas de trabalho antropológico. Demonstrando assim as influências que as obras de Durkheim vão exercer sobre os dois autores, e suas discordâncias teóricas e

¹ O “Lords” do título é uma referência à posição que esses primeiros antropólogos exerciam dentro do Império Britânico, muitas vezes como funcionários ou como “Sir”, o que por muito levanta questionamento sobre seus posicionamentos em suas obras.

² Doutorando em Ciências Sociais do PPCIS/UERJ e professor da Universidade Cândido Mendes – Santa Cruz, profmachadomaia@hotmail.com .

metodológicas dessa primeira geração de antropólogos influentes da escola britânica.

Na segunda parte desse projeto pretendo demonstrar o foco principal desse artigo: a obra de Evans-Pritchard. No decorrer de uma releitura sobre as suas principais obras na área de religião, pretendo demonstrar a sua utilização de uma etnografia e teoria clássica na análise do fenômeno religioso - suas influências na obra de Malinowski e Radcliffe-Brown, e influências indiretas de Durkheim por esses autores - abrindo assim caminho para uma segunda geração de antropólogos da escola britânica que conseguiram conciliar metodologia e teorias de maneira eficaz.

Demonstrarei como esse novo modelo teórico e metodológico de Evans-Pritchard – usando influências de seus professores nas universidades inglesas, Malinowski e Radcliffe Brown – nasceu influenciando e teve continuidade nas obras de autores consagradas como Mary Douglas e outros autores da terceira geração da escola antropológica britânica até nossos dias.

Durkheim e suas influências sobre a antropologia

Na sua última – e talvez mais importante obra – “As formas elementares da vida religiosa” lança a polêmica, inovadora e até hoje atual teoria das “representações coletivas”. Onde defende essas representações coletivas como símbolos, imagens e modelos

simbólicos da vida social, comum a todos os grupos humanos. Para Durkheim, essas imagens seriam socialmente construídas e em uma realidade totalizante sendo assim tão reais quanto o mundo material.

A religião seria um ponto importante de estudo para Durkheim, pois ela seria, entre todas essas representações coletivas, o elemento em que os indivíduos estabeleceriam e fortificariam – mais do que em qualquer outra parte – essas representações coletivas, dando a elas o poder de coesão social, desenvolvendo o apego emocional do indivíduo as representações coletivas, com grande importância ao ritual.

O ritual, segundo Durkheim, seria essencial para exercer a ligação com o físico e corporal – por experiência direta. O ritual seria o lugar sagrado em que o indivíduo se circunda do mágico, sendo assim separado do profano dia-a-dia, e são essas diferenças que demarcam e intensificam a experiência que os indivíduos têm de como o mundo é realmente. Essa complexa variedade e necessidades de entender os símbolos e costumes dos outros foi o ponto de partida de algumas pesquisas antropológicas.

Um deus não é unicamente uma autoridade de que dependemos, é também uma força sobre a qual se apóia a nossa força. O homem que se obedeceu a seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrentando o mundo com confiança e com sentimento de energia fortificada” (DURKHEIM, 1989, p. 263-264).

No início do século XX, os antropólogos ingleses aderiram as ideias de Durkheim e começaram a usar suas teorias para um grande número de estudos sobre a religião – influenciando várias características da escola britânica conhecidas – principalmente os sistemas de parentesco e sistemas legais. Sendo descrito como “pai fundador” do estruturalismo-funcionalista que foi desenvolvida posteriormente por Radcliffe-Brown usando os fenômenos sociais – coisas – e as representações coletivas como ciências objetivas.

Pais fundadores - Antropologia britânica

A antropologia nasce no final do século XIX – período vitoriano – logo depois das guerras napoleônica, junto com liderança expansionista da Grã-Bretanha. As teorias de sonho e subconsciente de Freud e Albert Einstein desconstruindo a física ofereceram uma visão mais aberta da verdade e do progresso.

Algumas questões de relativismo cultural – ignoradas pelos antropólogos desde o início do século dezenove – voltaram à tona com a filologia alemã e seus estudos sobre as línguas indoeuropéias. Isso sem contar com o apoio militar e político que muitos antropólogos encontraram nas campanhas neocolonialistas das nações imperialistas européias, com suas campanhas de expansão e conquistas que financiaram e muito se usaram

dos primeiros trabalhos antropológicos. Em torno da I guerra mundial, a disciplina antropologia se desenvolveu e começou a ganhar nome com “quatro pais”: Franz Boas, Marcel Mauss, Malinowski e Radcliffe-Brown. Estes antropólogos que iniciariam os debates estruturais das principais escolas que temos hoje em dia. – um nos Estados Unidos, um na França e dois na Inglaterra. – considerando aqui a grande importância da escola alemã e russa que acabou se transplantando em ideias com Boas e Malinowski – em suas respectivas “novas” nações – que por motivos políticos de guerra não conseguiu dar continuidade de suas ideias dentro de suas nações (ERIKSEN, 2007, p. 51).

Cabe aqui uma breve retrospectiva destes autores que se tornaram as colunas da antropologia, antes de entrar no ponto principal de nossa análise, que é a escola britânica. Temos Franz Boas nos Estados Unidos, Marcel Mauss na França e Bronislaw Malinowski e A. R. Radcliffe-Brown na Inglaterra. Uma das questões que influenciaram para a visão “marginal” da antropologia nos seus primeiros anos de sua fundamentação teórica e metodológica. Apesar da influenciada escola britânica sobre a obra de Durkheim, havia uma indefinição nos parâmetros básicos da disciplina, e o ponto de vista social dos pais fundadores da antropologia provirem socialmente de grupos estrangeiros aos países que desenvolveram sua

pesquisa – Mauss era judeu, Radcliffe-Brown era de classe trabalhadora em uma Inglaterra elitista, Malinowski era estrangeiro e Boas era estrangeiro e judeu – lutando e tentando romper com os evolucionistas como Morgan e Tylor e os parâmetro que tinham estabelecido nas ciências sociais.

Na França, os estudos de povos não europeus de Durkheim, foi à abertura que Maus encontrou para fundamentar sua entrada acadêmica e dar continuidade à obra de seu tio. Nos Estados Unidos da América, Boas encontrou respeito na transição acadêmica e se tornou ponto de referência na antropologia. Na Inglaterra, porém essa transição acabou ocorrendo com mais força – sendo vista como uma revolução intelectual e ruptura, diferente da França e Estados unidos da América onde uma visão de continuidade vigorou – já que a influência dos evolucionistas foi criticada por Malinowski e Radcliffe- Brown. O que acaba sendo à base dos críticos da história antropológica para sustentarem que a escola britânica é o local de surgimento da antropologia moderna com Malinowski e Radcliffe-Brown. Onde a “ciência de parentesco”, que é um método britânico criado por Malinowski e uma teoria desenvolvida por Radcliffe-Brown, se consolidou como uma “ciência da sociedade” – em quanto às muitas áreas da antropologia americana não se

destacou nos primeiros anos (ERIKSEN, 2007, p. 53).

Influências da etnografia e trabalho de campo de Malinowski

Em sua obra, Bronislaw Malinowski trabalha com uma visão de sociedade holística, onde partes se entrelaçam em um todo sincrônico – não histórico – desde seus primeiros trabalhos e os mais importantes como “*Os argonautas do pacífico ocidental*” (1984) que teve sua primeira publicação logo após a I Guerra mundial, e considerada a obra mais revolucionária da antropologia, o que lhe deu prestígio e atraiu inúmeros pesquisadores para sua universidade, Universidade de Londres, e que mais tarde seriam conhecidos na antropologia.

Em “*Os argonautas do pacífico ocidental*” podemos concentrar nosso entendimento e análise das principais características metodológicas e teóricas que Malinowski desenvolveu e influenciou outras gerações – e são o foco de nossa reflexão sobre esse autor para esse artigo - como em Evans-Pritchard. A obra é extremamente detalhada e vigorosa, que busca descrever o sistema de comércio de Kula³ e sua relação com outras instituições de moradores da ilha da Melanésia – como liderança política, economia

³ “O kula é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e

abarca em enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico” (MALINOWSKI, 1978, p. 71-72).

doméstica, posição social e *parentesco* (grifo meu).

Durante dois anos Malinowski ficou entre os Trobriand – período entre guerras – o que possibilitou uma obra meticulosa e sistemática (FIRTH, 1957, p. 56, in TEIXEIRA, 2010, p. 128), relacionado com a sua facilidade de aprendizado de novas línguas – influência da antropologia alemã já citada anteriormente – levando-o a padrões metodológicos rigorosos e a invenção de método de campo inovador chamado “observação participante”, que constitui participar no máximo possível das vidas e das atividades dos “nativos”. Para Malinowski, permanecer entre os “nativos” é extremamente importante, assim se pode aprender sua língua e costumes, o que dispensaria o uso de interpretes e entrevistas – que seria nocivo ao trabalho –, o que levou-o a morar em uma cabana entre os Trobriand.

A “observação participante” de Malinowski estabeleceu uma nova base para as pesquisas etnográficas, onde a vida no dia-a-dia devia ser registrada coletando detalhes de produções, padrões, trocas e conflitos, demonstrando o universo altamente complexo e multifacetado – contra os autores evolucionistas que o precederam nas ciências sociais britânicas – e rompendo como nova proposta para a antropologia e seu método. Com essa obra, Malinowski coloca em xeque projetos comparativos de características

individuais e propõe a inter-relação como essencial para qualquer análise etnográfica, teoria que os antropólogos consideram menos que a sua metodologia posteriormente. O seu funcionalismo – diferente de Durkheim – põe o indivíduo como objetivo do sistema e não a sociedade, as instituições existiriam para as pessoas.

Durante algumas décadas, após sua morte, a teoria malinowskiana continuou em destaque até as críticas de um “individualismo metodológico” disfarçado, mas voltaria com força com a defesa de Radcliffe-Brown para a importância de captar o ponto de vista do nativo no que ficou conhecido como campanha “anti-histórica” na antropologia britânica, transformando Malinowski em obra menos criticada.

Malinowski se denominava funcionalista, apesar de críticos e comentadores colocarem como fundador das ideias de seus rivais estrutural-funcionalista (ERIKSEN, 2007, p. 58), onde para ele o indivíduo era o fundamento da sociedade e tinha agencia por ser criador da sociedade. Já os estrutural-funcionalistas viam os indivíduos como um fenômeno da sociedade e de pouca agencia de interesses – com grande influência direta de Durkheim. Essa corrente “funcionalista” malinowskiana e “estrutural-funcionalista” de Radcliffe-Brown foram ditas como opostas e inimigas por anos, até a obra de Evans-Pritchard, que as conciliou de

maneira inovadora e bem eficientes – como teoria e metodologia.

Influências da abordagem teórica de Radcliffe-Brown

Foi seguidor de Durkheim em suas ideias e considerava o indivíduo produto da sociedade; admirador e grande conhecedor da obra durkheineana “Formas elementares da vida religiosa” que estudou e lecionou durante anos na Universidade de Oxford. Apesar de seus primeiros trabalhos sobre os moradores das Ilhas Andaman na Índia terem sido considerados no estilo difusionista, quando conheceu melhor a obra de Durkheim tentou aplicar a sociologia com materiais etnográficos.

Durante o período entre guerras, a antropologia britânica teve dois períodos bem marcantes, o primeiro marcado pelas obras etnográficas detalhadas na região do pacífico sobre influência de Malinowski – e após a sua partida para os Estados Unidos da América – e segunda influência de trabalhos que foram as análises estruturais no estilo durkheimianas sobre a África. “*Enquanto Malinowski preparava seus alunos para irem a campo e procurarem as motivações humanas e a lógica da ação, Radcliffe-Brown pedia aos seus que descobrissem princípios estruturais abstratos e mecanismos de integração social*” (ERIKSEN, 2010, p. 59). Esses mecanismos que Radcliffe-Brown procurava encontrar eram as representações coletivas de Durkheim,

para ele as estruturas sociais existem independentes dos atores individuais que a reproduzem e contribuem para a manutenção da estrutura social como um todo.

A influência de Durkheim em Radcliffe-Brown está principalmente na afirmação que as instituições existem porque elas mantêm o social; ele articulou a teoria social e o método etnográfico gerando uma disciplina na Universidade de Oxford e influenciando posteriormente autores como Morgan, que começaram a ver o “parentesco” como uma chave da organização social em pequenos grupos sociais. O uso do sistema de parentesco começava a se tornar uma entrada para Radcliffe-Brown para relacionar o conceito de Durkheim vinculado com o parentesco como sistema jurídico de Malinowski – sendo assim o parentesco uma forma de interação social complexo – com direitos e deveres – fundamental para a estrutura social. “(...) estrutural-funcionalistas passaram a estudar outras instituições em sociedades primitivas: política, economia, religião, adaptação ecológica e etc.” (ERIKSEN, 2010, p. 60), onde o parentesco serviria para ver como se estrutura e funcionam os grupos e as corporações nessas sociedades.

Evans-Pritchard e sua obra

O período das maiores publicações do estrutural-funcionalismo foi na década de 40

do século XX, onde Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard estavam em Oxford, que concentrava seus estudos nos “mecanismos” e em princípios estruturais da sociedade – dos quais Radcliffe-Brown considerou o sistema de parentesco como o motor das sociedades “primitivas”, mantendo-a unida. Influenciando os antropólogos ingleses que começavam seus estudos na década de 40 e 50, como o próprio Evans-Pritchard que tinha estudado com Malinowski e Radcliffe-Brown, tendo grande influência na primeira parte do seu trabalho.

Destaco Evans-Pritchard como o pesquisador que melhor conseguiu desenvolver a relação entre teoria e trabalho de campo em sua obra, usando assim a metodologia de trabalho de campo de Malinowski e a teoria desenvolvida por Radcliffe-Brown, o que não lhe limitou a desenvolver uma crescente e original construção intelectual partindo do funcional-estruturalismo a sua análise da “função para o significado” (TEIXEIRA, 2010, p. 126).

A obra de Evans-Pritchard desenha com uma experiência metodológica e teórica bem particular, usando a influência metodológica de Malinowski e sua observação participativa e a contribuição da experiência teórica de Radcliffe-Brown e seus relatos selecionados e articulados para demonstrar a estrutura, para construir nas suas características uma *abstração estrutural na análise etnográfica*, que só Evans-Pritchard souber relacionar e

fazer (KUPER, 1999, p. 89). Para melhor entender esse teoria de *abstração etnográfica* desenvolvida, podemos dividi-la em três níveis ou fases.

Às vezes ouço dizer que qualquer pessoa pode observar e escrever um livro sobre um povo primitivo. Talvez qualquer pessoa possa, mas não vai estar necessariamente acrescentando algo à antropologia. Na ciência como na vida só se acha o que se procura. Não se podem ter respostas quando não se sabe quais são as perguntas. Por conseguinte, a primeira exigência para que se possa realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso em teoria antropológica, que dê as condições de saber o que e como observar, e o que é teoricamente significativo. É essencial percebermos que os fatos em si não tem significado. Para que o possuam devem ter certo grau de generalidade. É inútil partir para campo as cegas. (EVANS-PRITCHAD, 1962, p. 243).

No primeiro nível de sua teoria, Evans-Pritchard tenta compreender a sociedade e as tradições sociais estudadas nos seus níveis mais complexos, buscando assim suas características mais significativas. Depois de entendida deve ser traduzida para a sua própria cultura – o que posteriormente foi muito criticado por alguns comentadores e novos autores. Em um segundo momento, o autor propõe uma análise com o propósito de decodificar as formas – ou estruturas – subjacentes da cultura. Lembrando que para Evans-Pritchard essa estrutura não é visível de maneira imediata, mas sim depende de um trabalho de abstração do próprio pesquisador

“Relacionar logicamente essas observações entre si de forma que venham a compor um modelo, torna-se possível ver a sociedade em seus elementos essenciais, como um todo (EVANS-PRITCHARD, 1962, p. 23).

Chegando assim na sua terceira fase - onde após uma grande influência de método de campo malinowskiano ganha uma força de análise comparativa com cunho estruturalista de Radcliffe-Brown - onde o pesquisador deve comparar as estruturas sociais, de diferentes sociedades, de maneira explícita ou implícita. As diferenças de objetivos e modelos usados em *“Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande”* e *“Os Nuer”* - certamente as obras mais conhecidas dentre aquelas que compõem a produção bibliográfica deste autor - representam propósitos e modelos analíticos distintos, apresentando, cada uma ao seu modo, problemas que se tornaram clássicos para a antropologia. Num primeiro momento, sob considerável influência de Malinowski, Evans-Pritchard está preocupado em demonstrar como os Azande possuem um sistema de crenças dotado de uma coerência interna, capaz de explicar a vida humana e fornecer solução para os infortúnios do cotidiano. Mais tarde, sua etnografia sobre os Nuer já explicita as interlocuções que estabeleceu com a obra de Meyer Fortes - que não é meu foco nesse trabalho - e Radcliffe-Brown, caracterizando-se como a descrição de uma estrutura social que contém em sua própria constituição a tensão entre grupos cuja

“oposição segmentar” acaba garantindo a manutenção do sistema como um todo.

No seu primeiro trabalho de campo *“Bruxaria, Oráculos e magia entre os Azande”* do Sudão, apresenta a feitiçaria como centro principal de trabalho. A feitiçaria é abordada com dois direcionamentos, em uma ela é uma “válvula de escape - segurança” que transforma todos os conflitos sociais em inofensivos, mantendo a interação social na maneira mais durkheineana possível. E por outro lado é uma maneira de entender o mundo do “outro” - desconhecido - de maneira mais coerente possível, de dentro, com influência de Malinowski. Sendo assim uma abordagem complexa e inteiriça onde busca entender a ordem social sem desconsiderar a complexibilidade e racionalidade de uma sociedade que só pode ser entendida de dentro dos eventos, sem separar um do outro. Alguns comentadores vão dizer que sua análise estrutural-funcionalista vai reduzir a feitiçaria em as funções sociais e outros (DOUGLAS, 1980) vão dizer que Evans vai ver a feitiçaria como “produtos sociais em toda a parte” (ERIKSEN, 2007, p. 89).

A segunda obra importante de Evans-Pritchard, *“Os Nuer”* é resultado do trabalho de campo desenvolvido com o povo Azande, onde estuda a organização política patrilinear desse povo pastoril e “sem estado” - e como se pode ocorrer uma organização política grande e complexa sem uma liderança centralizada. O

livro é uma experiência de campo em que a ciência de parentesco de Radcliffe-Brown é a chave de entendimento das organizações sociais e segmentárias, não é à toa que no último capítulo Evans-Pritchard elabora uma visão de estrutura social na mesma linha de Radcliffe-Brown “um sistema abstrato de relações sociais que continua a existir inalterado apesar das mudanças de pessoas” (1990, p.80) - assim sendo parentesco e feitiçaria como dois “modos de pensamentos” – e em ambos os casos ele estaria interessado em mostrar como o pensamento tem relação com o que Bourdieu (2009) chamou de “lógica prática”

A obra “*A religião dos Nuer*” é uma proposta de etnografia sobre a religião dos Nuer, discutindo aspectos de religião e sociedade entre os Nuer – onde o autor usa quatro aspectos etnográficos para relacionar suas considerações e para entender o diálogo entre razão social e religião: espírito, símbolo, moral e cosmologia. Dentre essa nova base de interpretação de uma etnografia sairá uma de suas elaborações teóricas “o problema de símbolos” – que mais tarde influenciaria a obra e discussão de vários autores como Mary Douglas, como ela mesma diz na entrevista feita por Peter Fry (1999) – onde procura perceber a lógica das ações e afirmações nativas, sendo as ações e afirmações como “nexos simbólicos” entre a vida real que a sociedade compartilha.

Os ritos mágicos não formam um sistema coerente e não há nexos entre um rito e outro. Cada um é uma atividade isolada de modo que eles todos não podem ser descritos de forma ordenada. [...] Com efeito, ao considerá-los juntos conferi-lhes uma unidade por abstração que não possuem na realidade. Espero ter persuadido o leitor de uma coisa — da consistência intelectual das noções Azande. Elas só parecem inconsistentes se dispostas como se fossem objetos inertes de museu. Quando vemos como um indivíduo as emprega, podemos dizer que são místicas, mas nunca que são acionadas de forma ilógica ou acrítica. (EVANS-PRITCHARD, 1992, p. 225).

Concluindo as diferenças entre a obra “*Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*” demonstra como religião, instituição política e sistema de crença de uma sociedade, diferente da sua obra “*A religião Nuer*” onde mostra que crença e prática religiosa dos Nuer é extremamente fixada na vida material. Em uma visão não reducionista procura demonstrar a religião e sistema religioso não como autônomos, mas sim complexo e hierarquizado em diversos níveis de estruturas e construção de sentidos - a religião como um reflexo e não um produto. A etnografia de Evans-Pritchard procura encontrar uma racionalidade na ação dos nativos estudados, dentro da lógica de seus sistemas únicos de práticas, costumes e razão, construindo assim a legitimidade da organização social estudada.

Conclusão

A principal contribuição de Evans-Pritchard às Ciências Sociais e antropologia – e aos teóricos de sua geração – é a proposta etnográfica de uma contextualização das “culturas” ditas como primitivas. Revitalizadas posteriormente com a sua proposta de “problema simbólico”, onde propõe uma leitura de todas as complexas sociedades e estruturas com os seus respectivos símbolos e as categorias sociais que estão representando.

Thomas Hylland Eriksen (2010) considera em um dos seus títulos sobre Radcliffe Brown como o autor do “Baluarte do funcionalismo” – não estou a levantar questionamento sobre essa afirmação - mas sim sobre o resultado da herança teórica que

exerceu sobre Evans-Pritchard e sua nova visão sobre “estrutura”, claro de que sem o método de “campo participativo” de Malinowski, não seria possível propor uma interpretação de “símbolos sociais” culturalmente contextualizados como faz em sua última importante obra “A religião Nuer” - que sem dúvida é sua grande pérola teórica-metodológica britânica.

O que pode e deve ser visto com atenção aos estudantes de Ciências Sociais e Antropologia de hoje em dia como um exemplo de observação e interpretação de estruturas em grupos sociais mais diversos e complexos, interpretando e compreendendo os símbolos “interações” e “ações” que represente a realidade do grupo

Referências

- BORDIEU. P. *O poder simbólico*. Editora Bertrand, 2009.
- DOUGLAS. M. *Pureza e perigo*. Editora Perspectiva, 2º edição, 2010.
- DURKHEIM. E. *As formas elementares de vida religiosa*. Editora Paulus, 3 edição 2008.
- ERIKSEN. T. H. *História da antropologia da religião*. Editora Vozes, 2010.
- EVANS-PRITCHARD. E. E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Editora Zarah, 2005.
- EVANS-PRITCHARD. E. E. *Os Nuer*. Editora Perspectiva, 2º edição, 2009.
- EVANS-PRITCHARD. E. E. *Religião dos Nuer*. Oxford: Oxford University Press (trad. Espanhol: La religión de los nuer. Barcelona: Anagrama, 1992.
- FRY. P. *Entrevista racionalismo e crença*. Revista Mana, 5(2): 145 – 156, 1999.

- MALINOWSKI. B. *Argonautas do pacífico ocidental*. Editora Abril, 2º edição, 2005.
- MELLATI. J. C. *Radcliffe-Brown – coleção grandes autores*. Editora Ática, 1978.
- RADCLIFFE-BROWN. A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Editora Vozes, 1973.
- TEIXEIRA. F. *A sociologia da Religião*. Editora Vozes, 3º edição, 2010.

Como Citar: MAIA, Cleiton Machado. “*Lords anthropologists*” - debate sobre a origem da teoria clássica britânica e suas influências teóricas metodológicas na obra de Evans – Pritchard. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>